MARANHÃO SOBRINHO

Papéis Velhos

...roídos pela traça do símbolo.

Reedição e Notas Biográficas:
ROGERIO SOUSA

GOIÂNIA
2017

Copyright desta edição © 2017, by Rogerio Sousa.

Reprodução proibida Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados.

Revisão e Preparação: Lê Marinho
Capa e lay-out: David Gimmez
Diagramação: Studio ABM

Maranhão Sobrinho, José (1879-1915)

Papéis Velhos; Edição Revisada: ROGERIO SOUSA; Edição do Autor, Goiânia; 2017; 112 páginas, 21 cm.

Ficção Brasileira – Poesia simbolista. 1. Maranhão Sobrinho, Sousa, Rogerio I. Título.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

A MEUS PAIS

Ofereço, dedico e consagro
este livro.

Qui veut vaincre ne peut pas céder.
Ibsen.

Temos bom corpo, irmão; vamos cavar...
Antônio Nobre.

A ROSA BRANCA.— Tenho pena de quem julga a espada mais lisonjeira que a lira. A desilusão de Arthur será tremenda...

A ROSA VERMELHA. — Maior compaixão merece quem considera um soneto superior a um heroísmo. Arthur vai cair fulminado da desilusão...

Armando Erse – BATALHA DE FLORES

Papéis Velhos

SONETOS E POESIAS

PAPÉIS VELHOS

Velhos papéis... de versos são pedaços
da minh'alma, batidos pelo vento,
como folhas de outono... Guardam traços
de um tempo, que passou, sem pensamento...

Preso n'algema dos teus alvos braços
teci-os; cada um lembra um momento
do nosso amor que, por eternos laços,
outrora, nos unia a um firmamento...

Se alguma glória tem, formosa é esta;
todos o teu celeste amor perfuma,
em todos há tu'alma em riso e festa!

Velhos papéis, meu último conforto!
Sois uma nódoa efêmera de espuma
perdida à face azul dum lago morto...

O MAR

Ouve! O mar, escarpando as rochas na agonia
do sol, parece ter na voz humana acento
de dor! Reza, talvez. Vai recolher-se. O dia
se ajoelha e a tarde, em sonho, abraça o firmamento.

Como nós, pode ser que a tristeza e a alegria
o mar sinta também: precisa, em movimento,
trazer um coração... Quem sabe o que irradia
no íntimo, em doce e azul recolhimento.

Escuta! Uma onda vem beijar-te os pés. Não a de
calma os seios rasgar sobre os basaltos. Quérulas
as ondas todas são. Ouve-lhe a voz, Piedade!

O mar leva-me a crer que tem paixões morais
em que rolam, brilhando, as lágrimas das pérolas
e palpita, fervendo, o sangue dos corais...

MA-TSU

Sobre o leito de seda azul-marinho
com uma paisagem de Youk-San, ridente,
Ma-Tsu dorme, e a luz do sol nascente
vem beijá-la amorosa, de mansinho...

Seu morno sono é o de uma flor olente;
não respira tão leve um passarinho!
Sobre o seu leito, que parece um ninho,
mais azul se desdobra o céu do oriente.

As margens do Pei-Ho, verdes, bizarras,
douram-se ao sol; das frondes se desata
a música nervosa das cigarras...

E sonha Ma-Tsu horas risonhas
que um par de pombas níveas arrebata
sobre um lago com lótus e cegonhas...

ANJO MORTO

No dia em que ao meu amolde
asas abertas, vieste,
como os anjos do Senhor,
chorou-me n'alma um cipreste,
ó meu pequenino amor!

Bem vi, entre mil abrolhos,
infeliz rosa-menina,
pela mudez dos teus olhos,
que morrias pequenina...

Sobre o berço alvo e inocente,
que os teus sorrisos douravam,
os anjos serenamente,
todas as noites baixavam,
com travessura inocente...

E uma vez, lírio da fonte
que um só dia me sorriste,
beijaram-te a nívea fronte
as asas de um anjo triste!

Nunca mais, de olhos vermelhos,
chorando como os meninos,
deixei de dobrar os joelhos
aos esquifes pequeninos,
de chorar de olhos vermelhos!

Desde então do desconforto
minh'alma ficou cativa;

se passava um anjinho morto
ia ver se estavas viva...

e que prazer em segredo
meu peito de pai sentia,
se, depois de tanto medo,
tua boca em flor me sorria
como a dizer-me um segredo...

Dói-me hoje pensar, Celeste,
que, em tua nívea mansão,
a raiz de algum cipreste
te atravesse o coração...